

## **Ilê Oju Odé: o candomblé na perspectiva decolonial<sup>1</sup>**

**Victor Hugo Basilio Nunes<sup>2</sup>**

Compreendemos que em um terreiro de candomblé, encontramos, além de religião, uma visão de mundo, valores, práticas, formas de se relacionar com o sagrado, com a natureza, diferentes do cristianismo e da matriz ocidental, pois pensa o ser humano relacionado a um grande organismo vivo, uma rede de correspondência entre os orixás, a natureza e os humanos, se construindo fora dos binarismos mente/corpo, razão/emoção, indivíduo/natureza, sagrado/cotidiano. Desta forma apresenta possibilidades de se pensar a construção e transmissão do conhecimento como outra epistemologia, que resiste ao modo de pensar ocidental, uma postura perante a vida, um modo imanente que não situa o ser fora da natureza e que considera uma rede de relações entre os seres e a natureza.

Buscamos confirmar, ao lançar um olhar decolonial sobre o candomblé, se a concepção de mundo presente em um terreiro de candomblé resiste à forma ocidental de se pensar o mundo, o que Quijano (2000) chamou de “colonialidade do poder”. Para, a

1 Trabalho apresentado no GT5 - Colonialidades e de(s)colonialidade do crer, do saber e do sentir: implicações epistemológicas nos estudos da religião, durante o II Congresso Internacional Epistemologias do Sul: Perspectivas Críticas – I Jornada de Estudos Afro – Latino - Americanos, realizado pela Universidade Federal da Integração Latino – Americana (UNILA) em Foz do Iguaçu/PR entre os dias 26 a 28 de junho de 2017.

2 Graduado em História pelo Instituto Federal de Goiás (IFG) em 2013. Especialista em história e cultura afro-brasileira e africana pela Universidade Federal de Goiás (UFG) em 2016. Mestrando no Programa de Pós-graduação em História da UFG. Bolsista CAPES. E-mail: [victorhugobasilio@gmail.com](mailto:victorhugobasilio@gmail.com)

**Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul**  
**v. 2, n. 1, 2018.**

partir daí, pensar de que forma esta compreensão serve de base para a articulação política e identitária desenvolvida pelo terreiro Ilê Oju Odé nas atividades que realiza. Este terreiro está situado na cidade de Aparecida de Goiânia – Goiás e se destaca por sua atuação na luta pelo reconhecimento do candomblé e da cultura negra em Goiás. A atuação deste terreiro junto à sociedade acontece através da organização do Afoxé Omo Odé e do Fórum Goiano de Religiões de Matriz Africana. Em síntese nos propomos, através da realização de entrevistas com as lideranças deste terreiro, pensar o universo do candomblé como espaço de subjetivação autônoma que resiste à matriz colonial do poder.

Partimos do pressuposto de que um estudo sobre o candomblé pode nos mostrar formas de pensar o indivíduo, a natureza, o ser, o corpo, a mente, o sagrado e o papel dos processos corporais na experiência do aprendizado, uma vez que os orixás são deuses que dançam e ao dançarem contam, através de seus movimentos, as histórias que carregam os ensinamentos do candomblé (PRANDI, 1996). Desta forma o aprendizado se dá na experiência prática de uma cognição guiada pela percepção corporal.

Nosso objetivo no momento é pensar uma possível aproximação entre as reflexões do grupo modernidade/colonialidade/decolonialidade, com as formas de se viver/posicionar frente à vida presentes em um terreiro de candomblé. Buscamos na relação que compreende os orixás, a natureza e o homem como um organismo vivo, perceber se é possível enquadrar os saberes do candomblé e sua concepção de mundo em um modelo de ação que se contrapõe à colonialidade do poder constituindo-se como um conhecimento alternativo à matriz do pensamento colonial, buscando compreender como essas concepções servem de base para a atuação política do terreiro Ilê Oju Odé.

**Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul**  
**v. 2, n. 1, 2018.**

A convivência semanal por mais de seis meses, entre 2016 e 2017, no terreiro Ilê Oju Odé e as entrevistas realizadas com as pessoas que estão à frente deste terreiro mostraram que há uma tomada de consciência, organização coletiva e projeto político nas ações desenvolvidas pelo terreiro estudado, sendo estas, o Afoxé Omo Odé e o Fórum Goiano de Religiões de Matriz Africana. Percebemos que além da organização e atuação coletiva há a proposição de um projeto político: defender seu espaço e seus direitos na sociedade goiana, combatendo a intolerância religiosa e o racismo.

As entrevistas nos forneceram informação preciosas sobre as concepções de Yá Omualé e Ogã Megeomam. Por isso compreendemos que para o entendimento completo desse trabalho é imprescindível a leitura das transcrições das entrevistas, que estarão disponíveis com a publicação da dissertação de mestrado na página eletrônica do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, a partir de março de 2018. Com relação ao debate conduzido pelo grupo modernidade/colonialidade/decolonialidade podemos afirmar, a partir da experiência no terreiro pesquisado, que o candomblé se constitui como conhecimento alternativo à matriz do pensamento colonial, ou utilizando o conceito de Walsh (2013), como exemplo de uma “pedagogia decolonial”. Em nossa compreensão esta forma de transmissão do conhecimento dentro do candomblé produz uma outra sociabilidade que estabelece uma relação entre a atuação política e a aprendizagem no candomblé como uma outra epistemologia, alternativa à matriz colonial do poder.

Identificamos em nosso trabalho de campo que ao aprender fazendo música, tradição, cultura, religião, de forma indissociável há um fortalecimento dos vínculos entre os indivíduos direcionando-os em torno de objetivos em comum. Outra característica observada está relacionada à questão ambiental. Percebemos que na rotina do terreiro o

**Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul**  
**v. 2, n. 1, 2018.**

que prevalece é outra maneira de se relacionar com a natureza e a coletividade, outro modelo de relações sociais.

Percebemos que a forma como se aprende o conhecimento sobre o candomblé, a música, os ritmos, as danças, as rezas, o uso das plantas e dos animais, as preferências de cada orixá se dão em uma relação extremamente hierárquica, mas que gera uma imersão de todos, produz um sentimento de dar o seu melhor, pois acredita-se que a natureza, os orixás e as pessoas formam um grande organismo vivo e correspondente entre si.

A frase aprender fazendo foi dita várias vezes. Isso nos leva a acreditar em outra sociabilidade, a do aprender fazendo e a do dar o seu melhor, que produz uma imersão, um compromisso com o grupo. O exemplo concreto dessa afirmação foi confirmado em inúmeras situações na convivência com as pessoas do Ilê Oju Odé. Mesmo não passando de um curioso dos saberes presentes em um terreiro de candomblé, como foi dito anteriormente, fui indicado para realizar tarefas como: ajudar no sacrifício de animais; colher folhas específicas; encontrar o local correto para colocar oferendas para orixás e caboclos; tocar atabaques e agogô, dentre outras. Todas essas são atividades das quais possuo um conhecimento mínimo adquirido no pouco tempo de convivência com Yá Omualé, Ogã Megeomam e filhos e filhas de santo do Ilê Oju Odé. Porém, mesmo sem saber ao certo o que estava fazendo eram destinadas a mim essas tarefas, o que me leva a buscar na memória alguma história que haviam me contado, na cozinha, de forma quase distraída, a observar como os outros faziam, a agir intuitivamente, enfim, a aprender fazendo.

As entrevistas e a convivência no terreiro nos leva a crer, assim como Catharine Walsh (2013), que um aspecto importante da “pedagogia decolonial” presente

**Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul**  
**v. 2, n. 1, 2018.**

no Fórum e no Afoxé é “a ideia de que o conhecimento da sociedade deve partir da prática, entendida como expressão vivencial e como fundamento epistêmico lógico” (WALSH, 2013, p. 82). Reivindicando a legitimidade do pensamento afrodescendente acreditamos que a atuação do terreiro Ilê Oju Odé na organização dos terreiros de candomblé possibilita a valorização do aporte cultural africano, cria um espaço de discussão política no qual o terreiro se torna um espaço de ressignificação da vida. Nossa experiência no terreiro nos mostrou a complexidade desta realidade social, marcada por uma relação de sociabilidade que, assim como destaca Walsh ao estudar as pedagogias decoloniais, produzem uma “intersubjetividade, reconhecimento mútuo, solidariedade subalterna” (WALSH, 2013, p. 173).

Nossa pesquisa foi participante e sistemática, uma vez que nos envolvemos e participamos efetivamente das atividades religiosas do terreiro, das reuniões do Fórum, do primeiro seminário do Fórum e da organização e apresentação do Afoxé na caminhada de rua. Outra questão fundamental para nosso trabalho foi a boa relação com as duas pessoas que lideram o terreiro Ilê Oju Odé. Foram fundamentais, pois proporcionaram condições especiais para o desenvolvimento da pesquisa, nos dando livre acesso a lugares e fatos da história deste terreiro.

Antes mesmo da conclusão desta pesquisa já alcançamos o mais gratificante resultado: as amizades que surgiram ao longo destes meses. Eu, homem branco que não tenho em minha trajetória de vida um histórico de luta contra o racismo e a intolerância religiosa, fui acolhido nesta comunidade que permitiu que o que eu vi e ouvi fosse relatado em minha dissertação.

Estar em contato direto com a organização dos terreiros de candomblé pensando as questões levantadas por parte dos estudos decoloniais nos levou a observar

**Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul**  
**v. 2, n. 1, 2018.**

primeiramente os objetivos de índole intelectual e política de nosso trabalho. Esta reflexão nos levou a perceber que nosso compromisso com a comunidade estudada tem como objetivo reivindicar a legitimidade do pensamento afrodescendente na sociedade goiana, através do candomblé. Buscamos inspiração no compromisso social que Frantz Fanon (1973, p. 191) nos mostra ao afirmar que, “O negro não é. Não mais que o branco. Os dois têm que separar-se das vozes desumanas que foram de seus respectivos antepassados para que assim nasça uma genuína comunicação.” Desta forma destacamos que o terreiro é um espaço de ressignificação da vida. Nossa pesquisa destaca a relevância social e política da atuação deste terreiro.

Acreditamos que o Afoxé e o Fórum se constituem como espaços de conscientização e luta, e que seu objetivo maior é intervir na estrutura de nossa sociedade através do combate ao racismo e à intolerância religiosa. Acreditamos também que a luta dos terreiros de candomblé em Goiânia e Aparecida, que pudemos acompanhar nestes últimos meses, se aproxima do que Walsh (2013, p.24) quer dizer ao afirmar que “a crise da colonialidade do poder sugere rachaduras, rupturas na ordem e nos padrões de poder, transição e revolução”.

O destaque do Ilê Oju Odé está na articulação de ações para a organização da comunidade dos terreiros de candomblé de Goiânia e região. Nas reuniões que participamos os temas em destaque foram a organização dos terreiros para se combater a intolerância religiosa e a conscientização com relação aos seus direitos. O principal resultado alcançado foi a organização do primeiro Seminário que ocorreu nos dias 13 e 14 de janeiro de 2017.

Através das entrevistas e da convivência pudemos concluir que o Fórum é uma organização dos terreiros para defender seus interesses, resolvendo seus problemas

**Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul**  
**v. 2, n. 1, 2018.**

através de uma articulação política e social. Dessa forma, religião e organização política se misturam na busca por encontrar saídas para os problemas criados por uma sociedade racista, o que faz surgir a necessidade de organização dos terreiros. O Fórum e o Afoxé vêm se constituindo como organização política e se destacando no sentido de apresentar o candomblé para a sociedade goiana e reivindicar seu espaço nela.

**Referências:**

FANON, Frantz. *Piel negra, máscaras blancas*. Editorial Abraxas. Buenos Aires, Argentina. 1973.

PRANDI, Reginaldo. *Herdeiras do Axé: Sociologia das religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Editora da USP. 1996.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latinoamericanas*. Edgardo Lander (comp.) CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais, Buenos Aires, Argentina, 2000. p. 246.

ULHÔA, Clarissa Adjuto. “*Essa terra aqui é de Oxum, Xangô e Oxóssi: um estudo sobre o candomblé na cidade de Goiânia*”. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás. 2011.

WALSH, Catherine (Ed.) *Pedagogías decoloniales: Prácticas isurgentes de resistir, (re) existir y (re) viver*. Tomo I. Quito. Ecuador: Ediciones Abya Yala. 2013.